

**ARTE DAS RUAS E ESCOLA: PERSPECTIVAS FORMATIVAS ATRAVÉS DAS
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR E UM ARTISTA DE RUA.**

Paulo Renato Ribeiro de Oliveira 1;

Ana Lúcia Oliveira Aguiar 2;

- 1- Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC – UERN) goalkeeper012@hotmail.com
- 2- Profa Dra no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC – UERN) anaaguiar@uern.br

Resumo:

Compreender o conceito de arte e arte das ruas no sentido de contextualizar sua importância ao longo do desenvolvimento da humanidade, nos remete a reflexões sobre sua relevância para o processo formativo educacional e cultural na contemporaneidade. Tais reflexões surgem a partir do recorte de nossa pesquisa de mestrado intitulada: “Os Artistas e a Arte das Ruas: Construção de Possibilidades Educacionais Inclusivas”, que através do método (auto) biográfico traz a narrativa de um professor e um artista de rua, com o objetivo de compreender de que forma a junção entre os saberes destes sujeitos seriam capazes de impactar os processos formativos educacionais inclusivos. Inferimos, que a temática possui relevância, para os processos formativos voltados a uma educação integral e cidadã, sobretudo, quando associado à práticas da cultura do movimento corporal e suas diversas formas de expressão. Ante o exposto, realizamos um ensaio de cunho qualitativo, que tem por finalidade descrever através do método (auto) biográfico, as memórias que possibilitaram aproximar a arte das ruas e a escola, num diálogo entre Pesavento, Freire e Brandão, sob a perspectiva de relacionar os conceitos que cada um aborda. A fim, de desvelar as circunstâncias que refletem sobre os percursos que nos impulsionam a observar a arte das ruas como ferramenta capaz de contribuir para os processos formativos direcionados a uma educação integral e cidadã.

Palavras-chave: arte de rua; (auto)biografia; educação cidadã; educação integral;

Introdução

O presente artigo tem por objetivo compreender através das memórias de um professor e de um artista de rua, as perspectivas formativas advindas da junção entre a cultura do movimento corporal e a arte das ruas. Porém, antes do relato propriamente dito, se faz necessário realizarmos uma contextualização e conceituação da historicidade acerca do termo e do significado da arte como cultura capaz de promover relevantes transformações sociais na atualidade.

Cabe salientar, que a compreensão dos processos históricos e sócio culturais que compõem as civilizações ao longo da história da humanidade, podem suscitar reflexões acerca de nossa sociedade atual. E, conseqüentemente desvelar novas possibilidades de transformação da realidade. Portanto, é imprescindível assentir que todo processo histórico, seja ele, de cunho político, religioso, cultural ou social, faz parte do desenvolvimento humano como ser social, bem como, afirma (Leontiev, 1978/2004, p. 279, grifos do autor), “o homem é um ser de natureza **social**, que tudo que tem de humano nele provém de sua vida em **sociedade**, no seio da **cultura** criada pela humanidade.” O mesmo, acrescenta ainda que:

Cada indivíduo **aprende** a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (Leontiev, 1978/2004, p. 285, grifos do autor).

Por conseguinte, observamos o surgimento das inúmeras características, que nos levam a refletir sobre o modo de pensar, de agir e de ser dos sujeitos inseridos nos contextos sociais do qual fazem parte. Onde sem a propagação, disseminação e o compartilhamento de todo conhecimento e de comunicação, adquiridos ao longo da história, comprometeria o acesso das gerações futuras ao processo de desenvolvimento histórico e cultural da sociedade. O que por sua vez, afetaria diretamente os processos de transformação da realidade.

Diante da perspectiva de compreender e propor tais transformações, apresentaremos um breve perfil histórico sobre os artistas e a arte das ruas durante alguns períodos distintos da história. Mas, não sem antes salientar que a abrangência do termo arte é muito amplo e, advém da palavra latina “ars”, que significa “talento”, “saber fazer”. Para Aristóteles (384-322 a.C.), a arte imita a natureza (*mimesis*), mas também, por vezes, a completa. Conforme o filósofo grego, está no seio da atividade artística a capacidade inata que o homem possui para imitar.

Já para o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), a arte difere da natureza por caracterizar-se como uma atividade livre e repleta de racionalidade. Na visão de Kant, a arte diferencia-se também da ciência, pois, para o filósofo, o conhecimento por si só não é

suficiente para produção de uma obra de arte, é preciso mais que isso, é preciso saber e ter habilidades para se fazer.

As contradições filosóficas e visões divergentes expõem a complexidade em se definir a arte. E denotam o quanto a arte e sua pluralidade estão diretamente ligadas aos contextos históricos e culturais através dos tempos. As manifestações artísticas refletem a essência humana na íntegra, e representam a condição pensante do homem em seus diversos contextos culturais. Atualmente a palavra arte remete a atividade artística ou ao produto que dela advém, e tem na história da arte a ciência que desenvolve estudos acerca dessa temática, com a finalidade de compreender os movimentos artísticos, os artistas e suas produções. Levando-se sempre em consideração que as análises feitas devem atentar e respeitar os contextos sociais, políticos e religiosos de cada época.

Deste modo, temos por objetivo compreender de que forma a arte das ruas, seria capaz de promover outras/novas possibilidades de aprendizado formativo no contexto escolar. Além, é claro, de valorizar o trabalho, as técnicas e os saberes dos artistas de rua, justamente conforme observa Freire (1989, p. 31), que enfatiza a importância de "[...] conhecer melhor o que já conhecemos e conhecer outras coisas que ainda não conhecemos. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre", ou seja, todas as pessoas possuem conhecimentos sobre o mundo.

Nesse sentido, algumas reflexões se fazem necessárias: Por que não utilizar a arte das ruas e os saberes contidos nessa arte como fonte de aprendizado voltado a projetos culturais, sócio educacionais inclusivos, democráticos, geradores de protagonismo, pertencimento e cidadania? Em função deste questionamento, visualizamos algumas possibilidades formativas em prol de uma educação integral e cidadã. Dentre elas, a realização de um estudo que aborde os aspectos históricos e culturais sobre a origem da arte das ruas ao longo dos tempos e dos períodos históricos da humanidade, bem como, refletir sobre a relevância da arte e da corporeidade, através de um relato de experiência fundamentado no método (auto) biográfico. Onde um professor do ensino básico descreve suas experiências após convidar e levar dois artistas de rua para uma apresentação performática no contexto escolar.

Metodologia

Amparados por uma abordagem qualitativa, adotamos os relatos de experiência com a finalidade de compreender as experiências contidas na práxis dos artistas de rua e de sua arte performática. Conforme indica Minayo (2001), a pesquisa de caráter qualitativo possui baixo potencial para apontamento de variáveis numéricas quantificadoras, em contrapartida, a autora faz menção aos significados, crenças, valores e atitudes contidos nas investigações de natureza qualitativa e no imenso potencial que este método possui em relação as reflexões interpretativas, que por sua vez, contribuem de forma significativa com os processos de transformação e emancipação da sociedade.

Desse modo, aprofundamos nossas observações e investigações sobre a arte das ruas, os artistas de rua e o modus operandi da aquisição de seus saberes, de suas habilidades e a forma pelo qual tais saberes podem se converter em novas experiências e possibilidades formativas em favor de uma educação cidadã, no contexto escolar. A partir desse contexto, o estudo basear-se-á, nas representações sociais da memória (auto) biográfica, no intuito de evidenciar sua relevância enquanto constitutiva das identidades e historicidade de grupos e indivíduos. Pretendemos então, abordar a memória (auto) biográfica em sua dimensão sócio - afetiva - individual e coletiva - e seu potencial na busca dos sentidos e das trajetórias, em um processo de (re) conhecimento e ressignificação, para o aprendizado dos próprios artistas e educandos que por ventura usufruam dessa arte.

Vale ressaltar, que as pesquisas (auto) biográficas configuram-se como uma forma de pesquisa onde, conforme Abrahão (2004), o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado. A linha (auto) biográfica na visão do aporte teórico trazido pela sociologia e baseado na obra “A Memória Coletiva”, de Maurice Halbwachs (1877-1945), aponta que: “quando resgatamos as narrativas dos sujeitos, trabalhamos com a lembrança única, a experiência solitária da qual o informante é a única testemunha”.

Todavia, diz Halbwachs (1990) : “Nunca estamos sós”. Afirmativa que reforça sua própria tese, onde toda lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma forma ao contexto coletivo social mais amplo. Lembrar é reconstruir o passado a

partir dos quadros sociais do presente, é uma lembrança consciente. Ela também se apoia no tempo socialmente referido - a memória está no grupo - e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto. Na trama das narrativas (auto) biográficas - tecidas pelos profissionais narradores - encontramos elementos que indicam um necessário saber articulador.

Enfocando a memória (auto) biográfica como metodologia de investigação-formação, na perspectiva do indivíduo que é objeto e sujeito da formação, Josso (2004) destaca o conceito de projeto, como possibilidade de ampliação dessas discussões, e aponta a história de vida como método de investigação-formação, e afirma:

[...] as histórias de vida postas ao serviço de um projeto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projeto no qual elas se inserem, enquanto que as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus registros, todas as dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria (JOSSO, 2004 p. 51).

Compreendemos que a pesquisa (auto) biográfica, possui características que nos remetem a reflexões acerca das possíveis alterações sociais e culturais vivenciadas pelos sujeitos envolvidos ao longo do tempo. Neste sentido, a adoção do relato de experiência estará diretamente relacionado à abordagem qualitativa de investigação, linha esta que geralmente proporciona maior aproximação e maior vínculo entre pesquisador e pesquisado. O que pode gerar valiosas contribuições para o processo de (auto) formação dos indivíduos envolvidos no processo. Bem como, idealizar novos projetos ou então, recriar e/ou modificar projetos que por ventura já existam e necessitem de adequações baseadas nas reflexões contidas nas narrativas.

Resultados e Discussões:

Respeitável Público, o semáforo é o picadeiro.

Imaginemos o som dos tambores rufando e um apresentador a bradar: “Respeitável público”! Feito isto, é bem provável que os pensamentos nos remetam a um circo, e a seus diversos números artísticos e apresentações, reproduzidas sob uma lona, onde os espectadores geralmente estão sentados e atentos às performances que ocorrem no picadeiro. Entretanto, o

título deste tópico propõe através de seu sentido figurado a reflexão de que nem sempre os espetáculos artísticos ocorram e sejam apresentados sob os holofotes do palco circense, mas, que também, ocorre em espaços distintos, como por exemplo, as ruas. Onde o cotidiano urbano se confunde com a arte das ruas e seus principais atores, os artistas de rua.

Dentre os mais variados locais onde a arte das ruas é apresentada e representada, voltaremos o foco a um local específico do dia a dia urbano, referimo-nos, assim, aos semáforos dos cruzamentos de avenidas, ruas e alamedas das cidades. Onde o trânsito, repleto dos transportes mais variados, por vezes, se confunde com o ir e vir dos pedestres e, também, com os sons produzidos pelos motores, buzinas e sirenes automotivas, apitos de agentes de trânsito, equipamentos de obras e reparos urbanos, etc. Local onde as luzes semaforicas ditam o ritmo e o tempo das apresentações, onde os artistas, com imensa precisão sabem as delimitações de seu - espaço/palco - e controlam o tempo de suas apresentações performáticas.

A leveza e a sutileza da arte das ruas e da cultura artística apresentada pelos artistas de rua contrastam com o caos das cidades e dos centros urbanos, em uma convivência dialógica, por vezes percebida, outras vezes nem tanto, mas, que em todos os casos, aponta para adversidades enfrentadas pelos mesmos. Observamos assim, a forma atemporal com que Pesavento (1999) expõe suas ideias sobre estes enlaces: “Entendemos ser esta uma proposta para nosso final de século, quando a cidade se coloca, mais do que nunca como desafio, sendo o lugar por excelência onde as coisas acontecem”.

Nesse contexto, compreendemos que ainda nos dias atuais, o modo como os obstáculos que se apresentam e surgem na rotina das cidades, podem nos proporcionar importantes reflexões acerca de inúmeros saberes e temáticas que se manifestam de forma multi e trans disciplinar, sobretudo, através da pluralidade cultural e da diversidade expressa pela arte das ruas. Tal como, a ótica que Pesavento (1999) aponta e demonstra a respeito das possibilidades advindas do contexto e do cotidiano urbano, das cidades e das ruas:

Cidade-problema, cidade-representação, cidade-plural, cidade-matáfora - o urbano se impõe para o historiador da cultura nos dias de hoje como um domínio estimulante. A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento (op. Cit., 1999, p.10).

Desse modo, compreendemos o estudo que doravante efetuamos, usufrua dos objetos de questionamento citados pela autora e os correlacionem aos múltiplos saberes que tanto as próprias ruas, bem como, seus principais atores, os artistas e a arte das ruas possam proporcionar a este estudo. Destarte, para maior entendimento, vamos nos ater a partir deste momento ao significado e as concepções das várias “educações¹” ao qual se refere Carlos Rodrigues Brandão em seus diversos estudos sobre a temática. Para então, prosseguir o diálogo através das concepções e conceitos defendidos por Paulo Freire, que compreende a educação com imenso potencial transformador das realidades ao qual a mesma pode alcançar. Alicerçados assim, pelas ruas e pelos saberes daqueles que nela habitam, circulam e/ou trabalham e são capazes de produzir a partir de suas realidades.

A costura dessa colcha de retalhos perpassa pela junção entre os saberes, ideias e dúvidas de um professor da cultura do movimento corporal (Educação Física Escolar) e, os saberes e a arte produzida por um artista de rua, que produz vida e movimento em forma de expressões corporais e artísticas, através do malabarismo e, que é apresentada nos semáforos das vias urbanas. Num diálogo com e entre teóricos que valorizam a educação e os saberes populares, como é o caso de Brandão (1981), que observa a educação como um fragmento das mais diversas formas de viver dos coletivos sociais, que se transformam ao longo dos tempos em suas culturas. São saberes que transitam entre gerações, mas que se reinventam quando necessário.

Em concordância com o que diz Freire (2001), que observa a prática educativa, tão necessária quanto o trabalho, a cultura e a religião, por exemplo. Ambos comungam do pensar que atesta ser a prática educativa, a extensão da própria vida, e que, o próprio processo de viver é capaz de produzir aprendizagens. Entretanto, cabe salientar que estes saberes precisam fundamentar-se também, em uma prática pedagógica, pois, não se alicerçam de forma genérica, é preciso dar sentido as histórias de vida daqueles que as vivem. Isto posto, o princípio que embasa essa prática pedagógica é a própria realidade vivida pelos sujeitos e seus respectivos cotidianos. Desse modo as narrativas de vida do professor e do artista de rua coadunam e apontam para mesma perspectiva, compreender como aprender, para reaprender

¹ Termo utilizado por Brandão para designar que a educação está em locais distintos.

e aos poucos transformar e ressignificar seus contextos pessoais, profissionais e como consequência, sociais.

A partir dessas visões, é possível considerar que o contexto entre o cotidiano das ruas, a arte nela apresentada e praticada e as muitas histórias de vida por trás desse contexto, são repletas de conhecimentos e saberes. Dessa forma, é importante ressaltar que tal arte e o seu dia a dia, possuem potencial para proporcionar aprendizado mútuo entre os pares que estão presentes e envolvidos nessa forma de educação. É um processo formativo contínuo e conjunto, que abrange diversas dimensões. Num processo mais generoso e mais humano por parte de seus atores, constituído entre trocas de experiências e vivências, tal como enfatiza Freire (2000): “A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas *com* o mundo e *com* os outros”. Processo que desperta uma tomada de consciência sobre a coletividade.

Para Brandão (1985), aprender é uma ação coletiva: “aprendemos uns com os outros”, diz. A partir deste princípio, o autor apresenta a ideia de que os processos formativos fomentam a ideia de respeito ao outro, tanto na esfera individual, como na coletiva. Seus conceitos sobre educação dimensionam que o processo educativo é dialético, onde aprender e ensinar faz parte do mesmo contexto no trabalho formativo. Na visão de Brandão, a educação é muito mais que uma prática pedagógica instrumentalizada, sistematizada e repleta de racionalidade, bem como, destaca Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Brandão (2003) reconhece e reforça a ideia de que a educação vai além da capacitação/formação de indivíduos do ponto de vista teórico e prático, ou ainda, que tão somente, ocorra por intermédio da transferência de um determinado conteúdo ou de conhecimento. O autor acredita que a educação em sua essência, consista no ato de guiar os sujeitos em sua integralidade, incentivando-os, também, a possibilidades de autodesenvolvimento e a partilha de suas expertises e vivências sociais de seu próprio cotidiano. O autor acrescenta ainda, que a educação não se resume ao desenvolvimento de habilidades, mas sim, na oferta de conectivos que dão suporte a base de saberes repletos de sentidos e significados.

Amparados pelos conceitos elencados sobre as várias “educações” e possibilidades formativas, reportamo-nos aos saberes e significados intrínsecos ao processo formativo e, observamos a conexão entre as histórias de vida de um artista de rua e de um professor. Histórias que se entrelaçam nas vias urbanas, e aproximam os múltiplos saberes da arte das ruas e da educação, numa união de extrema relevância e significado social. Com a rua, os semáforos e a escola como palcos principais deste espetáculo capaz de proporcionar significativas reflexões sobre cultura, arte, educação, inclusão e processos educacionais. O cotidiano urbano e das cidades descrito por Pesavento (2002) reforça a importância dessa poderosa junção.

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.

Dessa forma, o cotidiano das ruas expõe múltiplos e diversos contextos interativos, que independente das formas de relação social, possuem potencial para construção e condução de processos formativos. Sobretudo, se tais relações forem observadas pelo prisma da problematização, onde os encontros e desencontros de ideias e concepções são capazes de proporcionar relações de aprendizado mútuo. Tal como, indica Pesavento (2002) em seus escritos sobre o cotidiano das ruas e as possibilidades de aprendizado e transformações sociais a partir dessas interações.

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um locus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais.

Encontramos nas reflexões da autora, o pensar que coaduna com as inquietações que trazemos sobre o objeto de estudos, a problematização e as possibilidades de transformação

social e ressignificação de contextos educacionais inclusivos, sobretudo, quando utilizamos como lócus central o cotidiano das ruas e as vivências de seus atores sociais, neste caso específico, os artistas de rua e suas representações artísticas. Todos elementos que objetivamos aprofundar conhecimento e converter em saberes pedagógicos para adentrar o ambiente educacional integral e cidadão.

Esse talvez o meu maior objetivo na educação, despertar o potencial adormecido em cada ser que se ensina. O sinal de trânsito foi o palco principal, a arte das ruas e a arte circense o conteúdo a ser desvelado, meu mestre na jornada de ensinar o que por mim não é sabido, foi ensinado pelo artista Fernando Guardia em suas narrativas, seus saberes e sua filosofia, que unido a alegria que sinto em ensinar e aprender, desperta sentidos e significados. Mais que uma nota classificatória, o sorriso de uma criança e um abraço apertado são suficientes para compreensão avaliativa e para manutenção do propósito. Durante todo percurso me questioneei sobre como seria ensinar o que não se sabe, e confesso que tive muito receio. No entanto, encontro nas palavras de Alves (2000) a explicação e a coragem: “Não ter medo da queda. Foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham”.

Todo conhecimento começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa: “Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos!”

Peço licença então, para que meu sonho transforme o semáforo picadeiro em escola, mas a escola de sonhos, a escola que aprecia e respeita os múltiplos saberes e todas as formas de conhecimento. Desde o conhecimento das ruas e das várias educações ao saber popular e transformador das diversas realidades. Que dá asas a imaginação e faz o corpo flutuar como as bolinhas dos malabares ou os lenços de tule que as crianças soltam ao ar, com a alegria e a sabedoria de quem me ensina que os processos formativos podem ser mais leves, compreensivos, repletos de amor e sonhos.

Conclusão

Realização:



URCA
Universidade Regional do Cariri



AINPGP
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PEDAGOGOS EM PESQUISA NA ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Diante do estudo desenvolvido, destacamos alguns pontos referentes ao processo histórico e cultural que permite uma breve contextualização e conceituação da amplitude e da abrangência da arte em sua completude e a relevância que a mesma possui ao longo do decurso da humanidade. De acordo com as discussões e diálogos entre teóricos que abordaram o tema, fica evidente o papel da mesma perante a sociedade contemporânea, sobretudo, no que diz respeito ao seu uso no contexto escolar e em favor da promoção de uma educação cidadã. Entretanto, é importante enfatizar que, ainda há muitos itinerários para serem percorridos, modificados e logrados.

Dessa forma, atinamos ainda, que a arte desenvolvida pelos artistas de rua performáticos, no contexto escolar, não contém apenas valor de aprendizado físico- motor, muito pelo contrário, o entrelaçar da arte com a cultura do movimento corporal de forma prática é capaz de proporcionar aprendizado profícuo nas dimensões que envolvem os aspectos motores, cognitivos e afetivos sociais. Isto posto, observamos a importância da narrativa exposta através das memórias, e do método (auto)biográfico, que evidenciou uma proposta que difere do convencional na intenção elucubrar novas possibilidades no contexto de uma educação cidadã e que promova reflexões a ponto de gerar transformações da realidade que os cerca.

Por conseguinte, perceber a educação cidadã através da arte, da corporeidade, da interdisciplinaridade, da performance artística, da construção coletiva, da autonomia, do protagonismo, dos processos de escolha democráticos, do próprio corpo como agente de comunicação e de expressividade que possibilite reflexões, interpretações, pertencimento, protagonismo, conhecimento e que suscitem nos atores envolvidos, a esperança de que este seja um caminho transformador de realidades sociais e de crescimento pessoal, profissional e humano. Nessa lógica, assentimos que o presente trabalho nos proporcionou significativas ponderações sobre a temática proposta, ressaltamos ainda, que o tema carece de constantes debates e argumentações, a fim de promover transformações sócio educacionais tão almejadas pela sociedade.

Referências

Realização:



URCA
Universidade Regional do Cariri



AINPGP
Associação Internacional de Pedagogia na Organização Universitária

ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org). **História e Histórias de Vida - destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, (2001).

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Carlos R. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

ARISTÓTELES. Disponível em <https://www.significados.com.br/arte/>

Acesso em: 21/06/2023

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Autores Associados 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 19º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Vieira. São Paulo: Cortez, 2004.

KANT, Imanuel. Disponível em <https://www.significados.com.br/arte/>

Acesso em: 21/06/2023

LEONTIEV, (2004). A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro (Trabalho original publicado em 1978).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre – Porto Alegre: Ed Universidade /UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Ed Universidade /UFRGS, 2002.